

A Obra Gráfica

EO SEU CONTEXTO EM PORTUGAL

Por mais ancestrais que sejam as técnicas gráficas, em Portugal parece subsistir ainda uma resistência em aceitar a gravura, a litografia e a serigrafia como técnicas artísticas com valor e expressão própria.

A desconfiança do público e dos colecionadores em relação à obra gráfica é ainda notória, em contraste com outros países como Espanha ou Alemanha. Na verdade, não temos a tradição histórica de um grande gravador como Goya, Picasso ou Dürer, mas um olhar mais atento permite descobrir um campo fervilhante de produção artística.

A gravura foi inventada na China e durante a Antiguidade esteve presente também no Egipto. A Europa manteve-se resistente à sua aplicação até ao século XV, quando da abertura de *ateliers* em Itália e na Alemanha. A alfabetização tardia no nosso país é um factor importante quando se pensa no fraco desenvolvimento das técnicas de gravura. O problema é antigo, como explica Joanna Latka, artista polaca residente em Portugal e que aposta o seu tempo na paixão pela gravura e numa tese que se encontra a desenvolver sobre a história da mesma. “Quando a corte portuguesa foi para o Brasil, levou consigo os mestres gravadores e por isso a gravura brasileira tem maior tradição e é, hoje em dia, mais explorada do que a portuguesa. Além disso, à excepção do rei e da aristocracia, poucas pessoas sabiam ler. Portanto, a gravura, que era utilizada essencialmente para produzir livros, estava pouco desenvolvida. Só no século XIX, quando se incrementa a educação e se dá a proliferação da imprensa, é que a técnica conhece uma maior aplicação.” No entanto, Portugal esteve adormecido para a aplicação desta técnica nas práticas artísticas até aos anos 50 do século XX, quando o movimento neo-realista resolveu democratizar a arte, começando praticamente do zero. Para esta explosão, muito contribuiu a criação, em 1956, da Sociedade Cooperativa de Gravadores Portugueses “Gravura”.

O conceito de obra múltipla reduz o seu custo e permite o acesso a um maior número de colecionadores. Nos anos 70, com a maior divulgação da serigrafia, a gravura entrou em desuso. A serigrafia tornou-se a técnica gráfica mais procurada, permitindo uma maior tiragem a um preço mais baixo. Nunca morrendo e en-

contrando sempre um leque de interessados a obra gráfica tem o seu nicho de colecionador e praticantes. Em Lisboa, continuam em acti-
dade oficinas como a Contraprova, a Cooperativa Gravura, a Associação Água Forte, a Oficina do Cego e o Centro Português de Serigrafia e comemora neste momento 25 anos de vida. Porto, continuam activas a Cooperativa Árvore e a Associação de Gravura Matriz.

É verdade que a serigrafia pode ser usada como mero meio de reprodução de obras de arte, nem sempre é o caso. A técnica vale por si e resulta em peças com uma expressão plástica muito própria e diferenciada de uma pintura. A gravura e a litografia são casos diferentes que não têm nada que ver com reproduções de pinturas. Por isso, há que entender os processos de criação e produção. Se a serigrafia pode ser realizada a partir de uma pintura original, também pode ser uma obra autónoma, concebida para se adaptar às possibilidades técnicas que permitem obter cores extremamente fortes e vibrantes. Já no caso da gravura, o artista escava e risca um desenho directamente sobre uma placa que normalmente é de madeira, de metal ou de linóleo. Esse desenho constitui a matriz: uma espécie de negativo que vai ser tintado e prensado com uma folha de papel. Ou seja, a matriz não é a obra feita, é apenas parte do processo. O resultado final é mesmo a imagem que fica no papel com todas as texturas e relevos que só uma gravura pode ter. Não se pode então falar de simples reprodução, pois não existe nada antes que sirva de modelo. A gravura existe por si e tem a sua individualidade, mesmo depois de repetida em tiragem limitada e assinada pelo artista. Nem mesmo essas repetições são cem por cento iguais, pois é impossível tintar e prensar de forma a evitar pequenas variações. A litografia também faz-se manualmente sobre uma pedra original, que é depois prensada no papel.

Em Portugal, há vários artistas que se têm dedicado abundantemente à obra gráfica, como é o caso de José Pedro Croft, Julião Sarmento

Ana Fonseca, *Elmo*, 2011
Gravura, edição Centro
Português de Serigrafia

